

EXCELENTÍSSIMO SENHOR PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DESEMBARGADOR PAULO DIMAS MASCARETTI

Na pessoa de quem saúdo todas as autoridades presentes, colegas magistrados.

Senhores Advogados, Funcionários e servidores, Senhoras e senhores.

Esta solenidade concretiza mais que um evento amiúde na história do Fórum da Lapa, é a adesão a um sistema de trabalho no qual se amplia o efetivo exercício da cidadania. E essa busca de resultados para a justa solução de conflitos, através de boas práticas, é marca da gestão de Vossa Excelência à frente do E. Tribunal. Revela a ousadia de seu coração generoso e a importância de se expandir a capacidade de compreensão dos reais objetivos dos serviços judiciários.

Nessa arte de se colocar no lugar do outro por meio da imaginação, compreende-se os sentimentos e expectativas que guiam as melhores ações. John Donne, poeta inglês do século XVI, autor do poema em prosa Meditação, no qual se inspirou Ernest Hemingway, a escrever em 1940, o romance *“Por quem os sinos dobram”*, escreveu de forma veemente, que nenhum homem é uma ilha, mas cada indivíduo é um pedaço do continente, uma parte do todo.

Esse sentimento comum, me faz lembrar ROMAN KRZYNARIC, na sua obra *“O Poder da Empatia – A arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo”*, publicado em 2015, (p. 28) onde destaca ser a empatia, o antídoto para o individualismo absorto em si mesmo, herdado do século passado.

A necessidade de desenvolver empatia estaria no cerne do esforço de encontrarmos soluções para problemas mundiais como violência étnica, intolerância religiosa, pobreza extrema, fome endêmica, abusos políticos aos direitos humanos, aquecimento

global descontrolado por parte dos países mais ricos. O autor, debruçando-se na observação das conquistas pessoais do homem contemporâneo, denomina esta capacidade de sentir-se uno com o próximo, como uma espécie de pílula da paz.

Historicamente, se pode enxergar alguns “impedimentos”, inseridos como obstáculos ao uso intenso da saudável empatia, e que são: o preconceito, autoritarismo, distanciamento e negação. O preconceito é como uma venda em nossos olhos, é um julgamento feito de plano, considerando informações superficiais, sem comprovação; é um estereótipo do qual devemos fugir.

Propiciam que no exercício da influência sobre os indivíduos, a autoridade seja utilizada como desculpa para cumprir tarefas execráveis. Também, não só a distância física, mas a temporal e, principalmente, a social, nos induzem a se afastar da sugestão de melhores soluções. E ainda, que mesmo bombardeados com imagens de problemas sociais em diversas partes do mundo, concorreremos na insensibilidade a eles, deixando de perceber o quanto são singelas as oportunidades de livrar-se do flagelo que representam.

O EU empático está intrinsecamente ligado à resolução de questões do nosso dia a dia. E assim, ao nos colocarmos no lugar do outro no ambiente de trabalho, expandimos nossa capacidade de compreensão dos problemas que rodeiam a todos. Este exercício nos proporciona experimentar outras visões, faz-nos observar aspectos antes ignorados. E às vezes, constatar e enxergar tudo a nossa volta, valorizando experiências pregressas.

As experiências nos moldam ao longo do tempo, e desenvolvem, mesmo inconscientemente, o poder da empatia na nossa alma, como forma de compreender relações para as quais somos instrumentos de apoio.

A habilidade de aceitar e conviver com a diversidade torna os homens mais empáticos e tolerantes. É o sentimento que vai nos permitir entrar nas salas e nas reuniões de trabalho, e transmitir a mensagem adequada para cada participante.

A proposta do CEJUSC encerra um clima de empatia e contribui, nesses dias complexos, para os melhores resultados da convivência social. No modelo dinâmico de organização implantado na mediação e composição de litígios, revela-se importante instrumento para auxiliar os envolvidos a obter através de diálogo um resultado justo, antes da formulação do processo judicial.

Isso significa compreender as demandas individuais e atendê-las de forma abrangente, rápida e pacificadora. Um mediador formula orientações para o desenvolvimento da tarefa e contribui com a meta do grupo em que está inserido. Enquanto um julgamento formal, por sua vez, trata as informações do processo decisório com ênfase mais restrita. Mesmo cuidando de um assunto comum, as abordagens são completamente diversas, cabendo aos bem intencionados, valorizar essa diferença.

Por isso, ser empático não se restringe às pessoas que conhecemos, mas principalmente com os desconhecidos ou mesmo com personalidades antagônicas. Este é um grande esforço que cobra dos agentes, sensibilidade, inteligência emocional e vontade. Colocando-se no lugar do outro e experimentando a nova perspectiva. Numa habilidade que pode ser aprendida, mas que precisa antes de tudo ser diariamente cultivada, fazendo parte do ambiente do CEJUSC.

Precisamos reconhecer a empatia como fator ético e humanitário, uma força capaz de promover mudanças nos diversos meios onde atuemos. E poderemos fazer esse exercício diariamente, em nossas famílias e em nosso ambiente de trabalho, melhorando nossas

relações interpessoais. Num esforço consciente para se colocar no lugar de outra pessoa – inclusive do oponente – para rasgar rótulos, reconhecer sua individualidade, perspectivas e valores humanitários: eis os grandes diferenciais daqueles que se esforçam e vão empreender a busca de soluções permanentes. Nas mãos desses profissionais, utilizando as técnicas da mediação e da conciliação, repousará a esperança da empreitada cívica desta manhã.

AGRADEÇO A ATENÇÃO DE TODOS, RENOVANDO MEUS CUMPRIMENTOS PELA INICIATIVA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO E O RECONHECIMENTO DO SUCESSO DA GESTÃO DO DES. PAULO DIMAS.